



O conhecimento em Ciência e Tecnologia: um estudo da população de Catalão (GO) e o papel da imprensa no processo de divulgação/aprendizagem¹

Gustavo MARINHO²

Flávio SOARES³

Centro Universitário do Triângulo, Uberlândia, MG

RESUMO

O processo de democratização da ciência e tecnologia (C&T) caminha lentamente pelo País. A realidade nos mostra que a população ainda não se familiarizou com a ciência e as notícias veiculadas quase que diariamente pela mídia não são totalmente digeridas pelo público. Concomitantemente a isso, foi realizada uma pesquisa no município de Catalão, no sudeste de Goiás. O objetivo principal foi descobrir o nível de conhecimento em C&T dessa população e sua capacidade de absorver esse tipo de conteúdo. Além disso, traçar o importante papel dos veículos de comunicação quando trabalham com o jornalismo científico.

PALAVRAS-CHAVE

Ciência e tecnologia; analfabetismo científico; jornalismo científico; linguagem.

Introdução

A contribuição da ciência e tecnologia (C&T) para o desenvolvimento do país é inegável. Contudo, atualmente há um paradoxo entre a população e a forma como são divulgadas as notícias científicas e tecnológicas. Partindo do princípio de que é direito do cidadão saber de ciência e que o processo de democratização da informação precisa, de fato, ser real, o trabalho investiga o conhecimento em C&T da população de Catalão (GO).

O artigo aborda, ainda, o formato de divulgação da ciência, principalmente para o público leigo, não dotado de instrução suficiente para compreender essa área que, convenhamos, é um tanto complicada. Mas essa realidade poderia ser diferente, caso os veículos de comunicação de massa, a grande imprensa, em específico, adotasse medidas pedagógicas e não dificultasse o acesso às notícias e programas que tratam de C&T. De fato, assim como também defende Bueno (2008), a mídia pouco tem corroborado para acabar com o analfabetismo científico e excluído uma grande parte da audiência, por

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – VI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 8º semestre do Curso de Comunicação Social do Centro Universitário do Triângulo (Unitri) e repórter na Secretaria de Comunicação da Prefeitura de Catalão, email: gustavomarinhov@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo do Unitri-MG, email: falecomflaviosoares@gmail.com

não motivar o espectador e transmitir quase sempre a mensagem numa linguagem rebuscada.

Dessa forma, a pesquisa relata a experiência da comunidade goiana e traça um perfil do público em geral, retratando as demandas e os pontos onde existe falha na divulgação científica. Educar a população para que seja capaz de diluir as informações e participar efetivamente de tudo o que envolve a ciência, afinal é com dinheiro público que a maioria dos projetos são financiados, é um compromisso não só do Governo, mas também da imprensa que, no ato de formar o cidadão, necessariamente deve instruí-lo quanto aos avanços e por que não aos próprios riscos da ciência.

1. Pesquisa de campo

A divulgação científica, mesmo que lentamente, vem sendo lembrada pela mídia. Mas, não podemos falar em ciência, ou melhor, a imprensa não pode divulgar uma notícia (principalmente sobre ciência) sem saber do conhecimento do seu público, afinal, é para a população que os editores devem atentar-se. Em muitos casos, pouco importa para um veículo se a informação foi ou não digerida pelo público. Entretanto, esse tipo de jornalismo não é apropriado, porque carrega preconceitos e não respeita sequer seu fiel espectador. É dever do editor, na condição de jornalista cidadão, saber o quanto seu público entende sobre um determinado assunto. E, quando trabalhamos com ciência, os números do conhecimento nos assustam.

Para constatar esta dificuldade, foi aplicado um questionário, com 20 perguntas (quantitativas e qualitativas), para 60 moradores de Catalão. Diferentes dados foram observados, embora o resultado final tenha sido único: o analfabetismo científico da população.

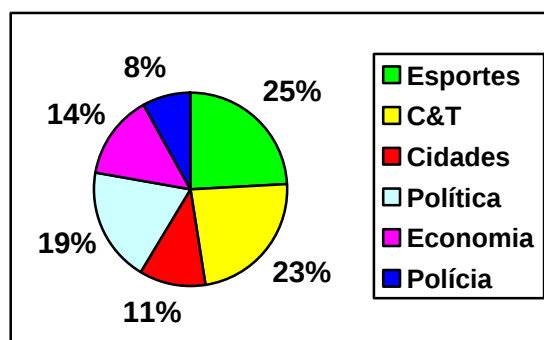
1.1 Catalão

Há 255 km de Goiânia, Catalão possui mais de 84 mil habitantes⁴ e é considerada pelo Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal [IFDM] como a 1ª em qualidade de vida no Estado. Para este artigo, especificamente, foram entrevistados 30 homens e 30 mulheres, divididos em seis bairros da cidade: Ipanema, Pontal Norte, Santa Terezinha, Monsenhor Souza, Nossa Senhora de Fátima e Centro. A pesquisa foi realizada de 19 de abril a 8 de maio de 2011.

⁴ Dados do Censo 2010.

De imediato, 50% dos entrevistados são adultos de 36 a 49 anos, que possuem renda de quatro a seis salários mínimos e ensino superior incompleto. A C&T, na opinião dos goianos, é muito bem-vinda na mídia nacional, embora o esporte ainda seja o preferido da audiência. A editoria de polícia, outrora, foi a menos citada, conforme o gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Assuntos que o público de Catalão mais gosta de ver na mídia nacional.



É importante destacar que 77% dos entrevistados se interessam por C&T (desse quadro, 40% não têm conhecimento sobre o assunto), 20% responderam que não se interessam justamente pela falta de conhecimento e 3% não gostam do assunto e, necessariamente, também não têm intimidade com a ciência. Dessa forma, resumidamente, é possível afirmar que 63% do público em Catalão não têm conhecimento em C&T.

Diante disso, faz-se necessário pensarmos: se mais da metade dos entrevistados - com superior incompleto - não tem conhecimento dessa importante área para o desenvolvimento do país, ponderamos o que os não (ou menos) graduados pensam ou sabem a respeito? É prova de que a educação básica é uma das responsáveis por essa falha, impossibilitando o cidadão de participar de debates no campo da C&T e excluindo uma classe da sociedade que também tem direito à informação.

Próximo a essa perspectiva de interesse da população, em 1987 o CNPq encomendou uma pesquisa ao Instituto Gallup, intitulada em *O que o brasileiro pensa da Ciência e Tecnologia?*. O resultado, um tanto parecido com o de hoje, revelou que 70% da população brasileira se interessava por essa área. No livro ‘Jornalismo científico’, Fabíola de Oliveira destaca que esses números “revelam a existência de grande demanda potencial pelo jornalismo científico e por revistas de popularização das ciências em geral [...]”.



Embora esse interesse tenha aumentado, a autora conta que a comunidade ainda está longe da C&T:

Os avanços já conseguidos pela ciência no Brasil ainda não são suficientemente conhecidos, a não ser em círculos restritos. Apesar do enorme interesse manifestado por C&T, os dados referentes à percepção da influência da ciência indicam que os resultados do avanço científico e tecnológico estão distantes da vida diária das pessoas (OLIVEIRA, 2002, p. 12).

Não há dúvidas de que o catalanos (e acredito que também uma parcela significativa da população no Brasil) se interessam por C&T, porém, o analfabetismo científico ainda marca presença. Assim, há muito o que melhorar, a fim de que a comunidade tenha, de fato, discernimento necessário para acompanhar os avanços científicos.

Segundo os entrevistados em Catalão, a informática e a computação são os temas mais divulgados pela mídia quando se refere à C&T. Sobre as notícias veiculadas pela imprensa, cerca de 26% disseram entender do assunto, mas revelaram que não acompanham as informações, enquanto que 40% veem as notícias e conseguem compreender o básico, outros 24% acompanham e não entendem e 10% não acompanham simplesmente porque não se interessarem pelo tema.

Embora boa parte da população assista às notícias de C&T (mesmo que com dificuldade de compreensão), 63% das pessoas confessaram que não assistem a programas exclusivos que tratam de ciência, até porque o tempo e espaço na mídia são muito escassos e muitos programas não estão em horários adequados e outros só estão disponíveis em canais por assinatura, dificultando cada vez mais o acesso a esse tipo de conteúdo. A minoria que acompanha esse tipo de programa citou o Globo Ciência, Globo Ecologia, Canal Futura, Olhar Digital, Jornal do Campo, Discovery Channel, além de jornais locais e nacionais.

Para o jornalista Hiller Krieghaum (1970), a maioria das pessoas que têm contato com a mídia, ou vira a página de ciência ou troca de canal, não dando importância aos temas em destaque.⁵ Esse costume, que já é uma cultura, infelizmente está presente na nossa sociedade e é mais uma prova do analfabetismo científico, do desinteresse pelas pesquisas e projetos desenvolvidos em institutos e universidades.

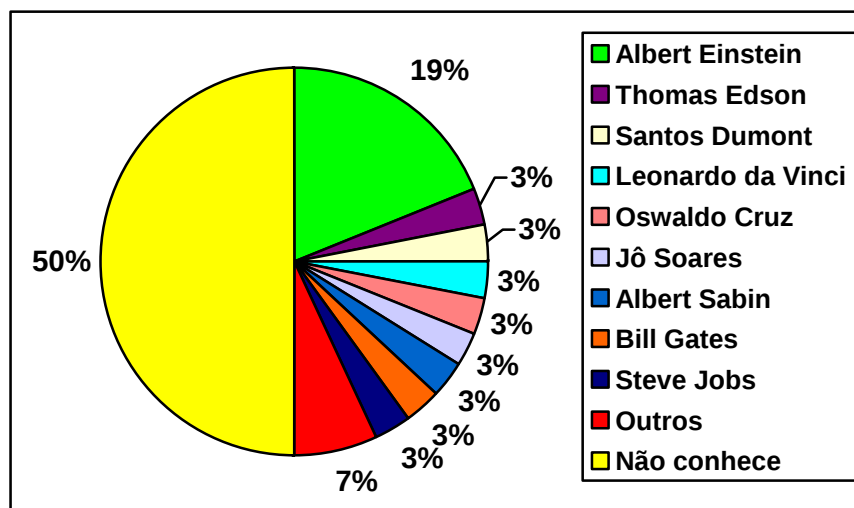
⁵ KRIEGHBAUM, 1970 apud BERTOLLI FILHO, p. 18.

Todo mundo sabe que o entretenimento é recorde em audiência, principalmente no mercado televisivo. E isso demonstra que a população não foi bem instruída e educada, pois, aprendeu a supervalorizar os conteúdos inúteis e a deixar a ciência de lado, para um público restrito e especializado. Infelizmente essa é a realidade do nosso país e a imprensa não tem contribuído muito para mudar isso, adotando um jornalismo científico com linguagem rebuscada ao público leigo.

Quando o assunto são institutos ou fundações ligados à C&T, 63% dos entrevistados em Catalão não se recordaram de nenhum nome. Dos que lembraram, 5% citaram o INT (Instituto Nacional de Tecnologia), enquanto que os demais se recordaram do IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), universidades (como FGV e Unicamp), entre outros. É importante destacar que alguns entrevistados se confundiram com a pergunta e citaram o programa televisivo Globo Ciência como sendo um instituto ou fundação de ciência e tecnologia. Outras pessoas também exageraram ao citar o jardim zoológico e parque ambiental como sendo um instituto ou fundação. Por essas respostas descabidas, é notório o grau de analfabetismo científico dessa comunidade e uma justificativa para o baixo índice de conhecimento da população em C&T.

Sobre os cientistas brasileiros, apenas 26% dos entrevistados disseram conhecer um, sendo que Carlos Chagas (10%), César Lattes (7%) e Oswaldo Cruz (3%) foram os mais lembrados. Quando a pergunta é sobre os cientistas mundialmente conhecidos, 50% dos catalanos se recordam de algum nome. O físico Albert Einstein lidera com 19%, seguido por Thomas Edson e Santos Dumont (confira no gráfico 2).

Gráfico 2 – Cientistas mundialmente conhecidos citados pelos catalanos.



Ainda sobre os cientistas, algumas pessoas citaram, por exemplo, Santos Dumont e Oswaldo Cruz somente na pergunta do cientista mundialmente conhecido, deixando a questão do cientista brasileiro em branco, ou seja, houve casos em que o indivíduo recordou o nome do cientista, mas sequer soube da sua nacionalidade, tão pouco sua contribuição para a sociedade.

A pesquisa revela, ainda, que aproximadamente 60% dos entrevistados em Catalão visitaram um lugar relacionado à C&T. Desse quadro, cerca de 24% já foram ao jardim zoológico ou parque ambiental e 19% participaram de Feira de Ciências, Olimpíadas de Ciências ou de Matemática. Outros 34% que ainda não visitaram um lugar relacionado à ciência, pretendem um dia frequentar, como relataram em seus depoimentos. Entretanto, algumas pessoas disseram nunca ter visitado museus, parques ambientais, feira de ciências e nenhum outro lugar relacionado à ciência porque não existem opções onde residem. Obviamente, isso é uma inverdade, até porque o município de Catalão tem – mesmo que poucos – espaços reservados à ciência. De certa forma, essas confusões são provas de precariedade não só na educação científica, mas também na de base, de conhecimento e histórico da cidade. A verdade é que o analfabetismo científico está tão presente na atual sociedade que nem mesmo esses lugares chamativos - diga-se de passagem - são mais bem visitados.

2. Como a imprensa divulga a Ciência e Tecnologia

O jornalismo, no auge da divulgação de informações úteis à comunidade, é um forte aliado da população, afinal, cabe a ele mostrar o que acontece no país, como a economia e suas variações de preço, os negócios, o esporte, a política e tudo que é de interesse da audiência. Como lembra Bertolli Filho (2006), o principal caminho encontrado pelas pessoas para se informar sobre C&T é a recorrência aos veículos de comunicação de massa. É através da imprensa que conseguimos nos informar sobre os avanços científicos e seus benefícios para o mundo.

[...] a mídia passou a desempenhar a função estratégica de fornecedora de informações científicas, as quais permitem que todos se sintam minimamente afinados com as questões centrais de um mundo que, sob a égide da ciência e tecnologia, mostra-se em contínuas e rápidas transformações (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 1).

Mas a realidade não é cor de rosa como parece. Se por um lado a imprensa tem o poder de influenciar opiniões e o consumismo exagerado, ela também poderia, e muito



bem, divulgar a ciência de forma mais adequada, contribuindo não só para que os mais privilegiados conseguissem compreender as notícias de ciência, mas todo o seu público, que inclui, em sua maioria, o leigo. Esse tipo de espectador está cada vez mais excluído, sendo pisoteado pela imprensa, ficando num segundo plano. Segundo Bueno (2008), “[...] a mídia não contextualiza as descobertas, impedindo que a audiência as integre em um conjunto maior de informações, conhecimentos, conceitos.”⁶ Para o professor, os meios de comunicação de massa não despertam a vocação do público, impossibilitando a audiência de “enxergar além da notícia”. Os interesses subjacentes à produção e à comercialização da C&T, conforme Bueno, não recebem atenção suficiente da mídia. Dessa forma, “[...] a ação dos lobbies poderosos que atuam nos bastidores e os interesses presentes na área não ficam [sic] explícitos, impedindo uma leitura adequada da relação entre C&T e capital e entre C&T e poder político.”⁷

A capacidade da imprensa de influir negativamente não corrobora com nada. O conhecimento em ciência e tecnologia, como vimos no caso de Catalão, ainda é precário. Mais de 90% dos entrevistados no município acreditam que os veículos de comunicação devem investir mais na área de C&T e 70% afirmam que a imprensa não divulga as notícias dessa área de forma compreensível. A principal reclamação do público é o tipo de linguagem utilizada, que não confere com o nível de instrução dos leigos.

Assim como pondera Oliveira, a divulgação científica aproxima o cidadão dos benefícios que ele tem direito, para melhorar o bem-estar social:

Ela pode contribuir também para visão mais clara da realidade ao contrapor-se aos aspectos característicos de uma cultura pouco desenvolvida, ainda contaminada por superstições e crenças que impedem as pessoas de localizar com clareza as verdadeiras causas e os efeitos dos problemas que enfrentam na vida cotidiana (OLIVEIRA, 2002, p. 14).

Não há dúvidas quanto à aplicabilidade da divulgação científica na vida das pessoas, afinal, o acesso às informações científicas é primordial para o estabelecimento de uma democracia participativa, onde a maioria das pessoas tenha condições de influir com competência em decisões e ações políticas ligadas à ciência.⁸ Entretanto, nos deparamos com outro dilema: o horário em que os programas de ciência são exibidos.

⁶ BUENO, W. da C.. Reflexões sobre Jornalismo Científico. Disponível em: <http://www.blogdowilson.com.br/ler_mens.asp?m=25&PN=1&i=25>. Acesso em: 15/03/2011.

⁷ Ibid.

⁸ OLIVEIRA, 2002, p. 13.

De fato, o espaço para a divulgação da ciência no Brasil ainda é insuficiente. Se não bastasse isso, boa parte dos programas dedicados a esse tipo de cobertura está em “horário ingrato.”⁹ Muitos desses programas têm conteúdo gabaritado, no entanto, o horário é que dificulta o acesso da grande audiência. Citemos, por exemplo, o próprio Globo Ciência e o Globo Ecologia, que têm uma contribuição ímpar nesse campo de divulgação, mas são exibidos aos sábados de manhã, às 6h25 e 6h45, respectivamente. Convenhamos, não é um horário agradável e, para quem trabalha de segunda a sexta e ainda precisa levantar cedo aos sábados para continuar a jornada, também não é uma tarefa simples tirar um tempo para assistir a esses programas.

Mas por que a imprensa insiste em banalizar a ciência e pregar o entretenimento a todo custo? Em uma das aulas de Jornalismo Científico no Centro Universitário do Triângulo (Unitri), o professor responsável pela disciplina, Antônio José de Carvalho, refletia: “Por que Big Brother às 22h e ciência às 6h?”. A indústria cultural na mídia controla a audiência, e a classe dominante tem ditado o que é bom ou não para a população. Assim, a violência e o sexo são mais bem vistos na tevê do que a própria ciência. É esse conformismo que impossibilita o público, principalmente o leigo, de buscar conhecimento, educação, e garante cada vez mais o alto lucro dos grandes conglomerados de comunicação.

Se os empresários da comunicação não se importam seriamente com o jornalismo científico, a situação é ainda pior porque o número de jornalistas que trabalham com ciência e tecnologia é muito reduzido. São poucos os profissionais que enxergam uma carreira brilhante dedicada à cobertura da ciência, embora, segundo Oliveira (2002), seja crescente o número de jornalistas que procuram uma pós-graduação nessa área. Para ela, essa vocação começa no banco da universidade, quando o aluno se conscientiza da relevância da C&T.

Essa falta de qualificação do profissional é unanimidade para os autores aqui estudados. Para Bueno (2008), “[...] é preciso reconhecer que a capacitação do comunicador científico, embora tenha experimentado grande incentivo nos últimos anos, ainda não se generalizou [...]”¹⁰ Ainda de acordo com o professor da UESP e USP, poucos veículos de comunicação têm profissionais habilitados para cobrir a C&T

⁹ OLIVEIRA, 2002, p. 52.

¹⁰ BUENO, W. da C.. Reflexões sobre Jornalismo Científico. Disponível em: <http://www.blogdowilson.com.br/ler_mens.asp?m=25&PN=1&i=25>. Acesso em: 15/03/2011.

com competência. Essa lamentável realidade assola não só uma determinada região, mas sim uma grande parte do país.

Outro ruído da comunicação é que de nada corrobora para mudar o atual cenário, é a briga contínua do jornalista com o cientista. De um lado, a falta de conhecimento do próprio comunicador e que muitas vezes irrita qualquer cientista; este, por sinal, não concorda quando o jornalista contextualiza sua entrevista e a coloca numa linguagem mais acessível. Os jornalistas, por sua vez, também são taxativos: reclamam da grosseria e má atenção dos cientistas. Entretanto, esse elo entre o mundo científico e a população não pode ser acompanhado por uma briga mesquinha advinda de interesses particulares ou propriamente pela falta de conhecimento. Nem o jornalista nem o cientista é superior um ao outro. Ambos desenvolvem uma atividade incontestável para a comunidade, seja na descoberta ou mesmo na divulgação de uma nova vacina contra a gripe. Sobre isso, Bertolli Filho (2006, p.14) afirma que “[...] é um dever dos cientistas explicarem-se para a sociedade e, nesta situação, os profissionais de comunicação podem desempenhar um papel estratégico”.

Portanto, pelo bom andamento da sociedade e para a democratização do conhecimento, é justo que esse tipo de conflito acabe o quanto antes. Faz-se necessário reconhecer essas falhas que atualmente sondam os veículos de comunicação para formar uma nova referência, com linguagem menos rebuscada, a fim de tratar o espectador com mais respeito e de forma honesta. O cientista e o jornalista, concomitantemente, devem reconhecer as suas importantes tarefas para a comunidade e, acima de tudo, precisam adotar novas medidas e usufruir de bom-senso tudo em prol do fim do analfabetismo científico.

3. O papel do jornalismo científico na divulgação/aprendizagem

O jornalismo científico, a partir da década de 80, conquistou um pequeno espaço na mídia, possibilitando a inserção de conteúdos científicos à comunidade. Entretanto, grande parte da sociedade, refém de uma educação precária, não se familiarizou com esse tipo de notícia e hoje nem é preciso tanto esforço para observar o nível de instrução da população. O analfabetismo científico, de fato, é uma realidade, às vezes não por ignorância do cidadão, mas principalmente pela falta de oportunidade e de um vínculo capaz de interligar as informações, tratando a ciência com mais compromisso e seriedade.

Para Bueno (2008), “[...] muitas vezes, o jornalismo científico deixa de cumprir seu papel pedagógico, já que é patente (e esse não é o caso apenas do Brasil, mas é uma realidade global) o analfabetismo científico dos cidadãos.”¹¹ Com base nesse argumento, é cabível avaliarmos que a imprensa, de modo geral (com raras exceções), não tem contribuído para acabar com o analfabetismo. Linguagem inapropriada para o leigo e conteúdo de interesse público censurado são empecilhos impostos pelos meios de comunicação de massa. Como já foi citado neste artigo, é na academia que o jornalista começa a tomar gosto pela ciência; porém, nem mesmo as faculdades (a maioria delas) têm se esforçado para mudar o triste cenário do analfabetismo científico. Poucas universidades do país dão atenção à disciplina de jornalismo científico, o que impossibilita cada vez mais que futuros profissionais optem pela cobertura de ciência.

Os veículos de comunicação - embora quase todos não contem com profissionais capacitados para cobrir a ciência e tecnologia - têm um importante papel frente à sociedade: levar educação de qualidade. Mas como proporcionar educação se nem mesmo a maioria dos jornalistas consegue entender de ciência ou tem uma especialização na área? Felizmente, por um lado, algumas instituições de ensino têm agido proativamente, oferecendo cursos de pós-graduação na área, qualificando o comunicador no âmbito do jornalismo científico. A procura por essas especializações tem aumentado significativamente, corroborando para o progresso da ciência e subindo mais uma degrau para exterminar – mesmo que lentamente – o analfabetismo científico.

A imprensa, especificamente a televisão (que tem um alcance maior), ainda carece de profissionais capacitados, mas temos de admitir que alguns programas são bem elaborados e contribuem com a educação do cidadão. O problema, entretanto, são os ruídos da comunicação, principalmente se tratando do horário de exibição desses programas. Fora isso, a mídia consegue, sim, produzir material jornalístico de C&T. Com vontade de ajudar a sociedade, é possível unir esforços, acabar com o atrito entre cientistas e jornalistas, em prol de benefícios para a população e democratização do conhecimento.

Segundo Bertolli Filho (2006), independentemente da área em que o jornalista atua é fundamental atentar-se às fontes, checar as informações e formatar bem o texto - empregando uma linguagem inteligível e de fácil acesso. Para o autor, a linguagem do

¹¹ BUENO, W. da C.. Reflexões sobre Jornalismo Científico. Disponível em: <http://www.blogdowilson.com.br/ler_mens.asp?m=25&PN=1&i=25>. Acesso em: 15/03/2011.

texto científico deve ser suficientemente capaz de fazer com que o público não especializado entenda.

É verdade que existe diferença entre divulgação científica e jornalismo científico. Não entrando nos mínimos detalhes, o primeiro se refere a qualquer tipo de divulgação da ciência, seja em livros, desenhos animados, séries, filmes etc. Enquanto o segundo, assim como mandam as regras do jornalismo, detém de periodicidade, atualidade e difusão coletiva. Nos dois casos, é possível ajudar o público leigo a se interar com a ciência, resgatando conceitos e processos indispensáveis para qualquer indivíduo, contribuindo com a alfabetização científica da população.

Como intermediador da sociedade, o jornalista necessariamente deve manter contato com as fontes geradoras de C&T, mostrando ao público tudo o que é de interesse público, sendo crítico e não caindo em desavenças e sedução por parte desses grandes centros. É um papel ousado e, assim como reflete o professor Wilson Bueno, para poucos, uma vez que exige transpiração e militância.

A abordagem de uma comunicação de C&T voltada mais para educar e informar do que celebrar e enaltecer as instituições poderá contribuir também com a formação de jornalistas científicos mais críticos e questionadores, e menos acomodados aos limites das fontes oficiais das instituições de C&T (OLIVEIRA, 2002, p. 70).

Ainda sobre a importância da capacitação do profissional, um erro grotesco, que é repercutido por muitos autores, nos chama a atenção. O caso envolve uma repórter da Rede Globo que, à época, entrou em contato com o INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) - órgão responsável pelo programa aeroespacial brasileiro e que iria testar um foguete lançador de satélites - perguntando a possibilidade da equipe de tê-lo postar-se “dentro do satélite”. Esse equívoco (imperdoável, por sinal) poderia muito bem ter sido evitado, se a jornalista dispusesse de uma rápida pesquisa na internet. A negligência, principalmente no jornalismo, não é bem-vinda – um pequeno descuido do profissional pode interferir a informação e acarretar sérias consequências.

Acabar de vez com o analfabetismo científico não é uma missão fácil. Nesse processo, acredito plenamente que a imprensa pode ajudar, e muito, até porque, volto a repetir, é direito do cidadão se manter informado não só de política, economia, esporte, mas também de ciência e tecnologia. Julgo essa área como uma das mais importantes e que mais influenciam a sociedade, embora o seu teor nem sempre seja divulgado e sentido pela comunidade.

O divulgador científico já não pode se limitar a transmitir o conhecimento científico: torna-se consenso que, mais do que comunicar, ele tem de ser crítico em relação às novidades científicas, propiciando ao público dito leigo condições para refletir sobre tais avanços (DESTÁCIO, 2001, p. 3).

O que Destácio pondera é fundamental para que a imprensa possa educar a sociedade. Não adianta o jornalista inexperiente parafrasear o discurso científico, não compreendendo a fala do especialista e ‘enganando’ seu próprio público. Esse tipo de jornalista, considerado por Oliveira (2002) como ‘papagaios de cientistas’, não influi positivamente na educação. Segundo a autora, “o jornalismo científico pode entrar em cena como agente facilitador na construção da cidadania”. A audiência exige uma linguagem transparente, capaz de refletir os benefícios e consequências do avanço científico. Portanto, a imprensa, aliada ao discurso jornalístico, nutrido de objetividade, é a principal colaboradora da população, já que convivemos num país onde a educação ainda é frágil.

O uso e o abuso da metalinguagem são excelente recurso para aproximar o público leigo das informações científicas. Quando as pessoas conseguem associar um princípio ou uma teoria científica a alguma coisa que lhes é familiar, fica muito mais fácil a compreensão do assunto, e a comunicação científica torna-se eficaz (OLIVEIRA, 2002, p. 44).

Para uma comunicação eficiente, além da metalinguagem - que desperta a curiosidade e facilita a compreensão da mensagem, também podemos citar as analogias. Segundo Vieira (2007, p. 18), “a analogia é um elemento essencial da linguagem de divulgação científica. Ela torna concretos conceitos abstratos, dá ao leitor uma base de comparação.” No entanto, como defende o autor, é importante destacar os limites da analogia, a fim de que o leitor não confunda as interpretações.

O fato é que a linguagem, bem introduzida, é a grande determinante do aprendizado. Para Vieira, o texto em divulgação científica deve ser claro e leve, explicativo, exemplificado, afinal, boa parte do público, como no caso de Catalão, não tem conhecimento em C&T. Conforme o autor, escrever de forma simples não significa vulgarizar a ciência. No caso do jornalismo impresso, a probabilidade do leitor de desistir de um texto muito complexo é grande. As ilustrações, outrora, podem melhorar isso. O texto que dispõe de gráficos e imagens é mais atrativo e consegue, com mais

facilidade, segurar o leitor. A arte e os infográficos, muito utilizados atualmente, são formas úteis de transmitir conhecimento.

Como comprador de uma mercadoria, o leitor deve ser poupado o máximo possível de qualquer dificuldade, cabendo ao jornalista servir-se de uma linguagem apropriada e também de gráficos, quadros sinóticos, mapas e imagens, dentre outros recursos para, mais do que tornar inteligível a matéria, cumprir o que a Folha de S. Paulo assumiu declaradamente como sendo sua “filosofia editorial”: poupar trabalho ao leitor (BERTOLLI FILHO, 2006, p. 17).

A característica de tornar o discurso leve ainda é pouco praticada e uma das principais preocupações do redator, como afirma Vieira (2007), é a de não espantar o leitor logo no primeiro parágrafo. Prender a atenção, convenhamos, nem sempre é tão simples como parece, mas quando bem sucedido, agrada a audiência e transmite mais confiança.

Para comprovar o que estamos falando, a pesquisa em Catalão revela que 96% dos entrevistados acreditam que a imprensa deve divulgar as informações de ciência e tecnologia de forma mais clara e coesa, possibilitando o acesso a todas as classes. Outro dado estatístico, também de interesse dessa investigação, é que 56% da amostra entrevistada afirma que o jornalismo científico, atualmente, não cumpre na totalidade as funções de educar e divulgar.

Vale ressaltar que mais de 60% do público acredita que as informações de C&T divulgadas de forma atraente e explicativa contribuem para a venda de jornais e revistas. Assim, é óbvio que as pessoas procuram por qualidade, mas também por conteúdo acessível.

Nesse referencial teórico, não importa se a notícia é no impresso, rádio, televisão, internet, enfim, o que realmente interessa é a sua integridade, a linguagem apropriada, conceituando do básico ao complexo, explicando e empregando analogias sempre quando for possível. Parece uma tarefa impossível, mas não é. Todos nós, leigos ou não, temos que saber sobre decisões que envolvem a C&T, pois, como já foi destacado, é com o dinheiro público que a maioria dos projetos são financiados. Essa prestação de contas à sociedade, portanto, não é uma opção, mas uma obrigação.

É nosso direito ter conhecimento em C&T, formando uma opinião contundente para refletir as consequências dos avanços científicos, até porque se a ciência não for



usada de forma correta, isto é, se os recursos não forem aplicados no intuito de melhorar a qualidade de vida, estamos nos prejudicando sem fazer jus aos recursos investidos.

A sociedade, de forma alguma, pode ser enganada por empresas que trabalham desonestamente e sequer pensam no seu público/consumidor. Mais uma vez, a mídia deve agir na plenitude, deixando de lado seus interesses particulares em favor do cidadão de bem. Cabe, por fim, a imprensa, ou o 4º poder, acordar o quanto antes e contribuir para mudar a realidade, ensinando seu público cada vez mais e enriquecendo a pluralidade de ideias, formando um novo indivíduo, instruído e bem orientado em ciência e tecnologia.

Conclusão

Depois de praticamente três meses dedicados à investigação (incluindo coleta/análise de dados e referencial teórico), concluo que o índice de analfabetismo científico da população de Catalão ultrapassa 60%. A maioria do público entrevistado – com superior incompleto – infelizmente é refém da falta de educação científica. É verdade que muitos dados surpreenderam, desde a lembrança de cientistas, institutos ou instituições de pesquisa, até o interesse pela ciência. Os goianos, incrivelmente, demonstraram curiosidade e interesse por essa área. As dificuldades, porém, vão além da falta de conhecimento, envolvendo o processo de transmissão da informação pelos veículos de comunicação. A imprensa, no papel de educar e instruir o cidadão, segundo os entrevistados, não exerce essa função na totalidade.

É preciso reconhecer, também, a falta de profissionais capacitados para divulgar a C&T, o que só confirma mais uma falha do jornalismo científico no país. Entretanto, o tipo de linguagem e os ruídos são mais comprometedores. Se a população ainda está distante do que acontece no cenário das políticas de C&T, a mídia tem parte da culpa, afinal, ela não divulga as notícias dessa área de forma compreensível e adequada, como pontuou os próprios entrevistados e como defende os autores aqui estudados (como Oliveira e Bueno). Dessa forma, a imprensa precisa rever o processo de divulgação da ciência, construindo um novo discurso, mais popular e que facilite o acesso principalmente ao público leigo.

Por um lado, o interesse tem aumentado significativamente; por outro, a imprensa ainda não conseguiu cumprir seu desafio maior: informar todas as classes, independentemente de nível escolar. O ponto chave é que a mídia reveja esse tipo de



conteúdo em sua programação, interagindo o público com a ciência, capacitando-o para desenvolver senso crítico ousado.

Referências bibliográficas

BERTOLLI FILHO, C.. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>>. Acesso em: 10/03/2011.

BUENO, W. da C.. **Reflexões sobre Jornalismo Científico**. Disponível em: <http://www.blogdowilson.com.br/ler_mens.asp?m=25&PN=1&i=25>. Acesso em: 15/03/2011.

DESTÁCIO, M. C.. **Jornalismo científico e divulgação científica**. (2001).

IBGE. **Dados do Censo 2010**. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=52>. Acesso em: 10/03/2011.

OLIVEIRA, F. de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002. (Coleção comunicação).

REIS, José. **A importância do jornalismo científico**. In: www.comtexto.com.br.

REIS, J. **O que é divulgação científica?, nas palavras do Dr. José Reis**. [s.l.: s.n.], 2006. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/>>. Acesso em: 05/07/2010.

VIEIRA, Cássio Leite. **Pequeno manual de Divulgação Científica: Dicas para cientistas e divulgadores de ciência**. 3. ed. - Rio de Janeiro: Instituto Ciência Hoje, 2007.